

CACILDA BECKER

(PARTE 1) POR ZÉ CELSO

Há uma expressão que paralisa a maioria dos amantes do cinema, sejam eles críticos, cinéfilos ou espectadores comuns. Trata-se de 'teatro filmado'. Por ela subentende-se o registro sem adaptação dessa arte antiga e artesanal, baseada na palavra, por uma arte recente e industrial, onde a imagem é (ou pelo menos deveria ser) a medida de valor. Não pode ser confundido com adaptação cinematográfica de peça teatral, com a qual muitos cineastas ilustres, de Nazimova a Welles, de Lubitsch a Manoel de Oliveira, alcançaram um êxito maior ou menor. O teatro filmado é feito no próprio palco, muitas vezes com a presença da plateia, e foram bem poucos os que nele se arriscaram (Peter Brook, Rainer Fassbinder, Laurence Olivier) sem naufragar nos arrecifes do tédio e da chatice absoluta. Mas, mesmo quando aborrecido, o registro *in loco* de peças teatrais tem a particularidade de preservar uma atividade que até o surgimento do cinema se caracterizava por ser efêmera. Assim, mesmo o decepcionante *O golpe*, de Carlos Manga, gravado no Teatro Glória nos anos 50, tem a importância documental de ser o único registro existente de Oscarito e família fazendo comédia de costumes. A produtora Ruth Escobar, sempre atenta, mandou registrar suas principais produções de vanguarda (*O balcão* e *Autos sacramentais*, dirigidas por Vítor Garcia) em filmes semi-amadores que não foram lançados no mercado, mas são os únicos testemunhos desses espetáculos quase extraordinários.

A proposta do Festival Teatro Oficina é bem mais abrangente e ambiciosa. José Celso Martinez Correia, cujo grupo vem de completar meio século de existência, pretende registrar seus espetáculos no próprio palco, sem que seja 'teatro filmado' no sentido pejorativo do texto. A primeira leva de DVDs inclui *As bacantes* de Eurípedes, *Hamlet* de Shakespeare e *Boca de ouro* de Nelson Rodrigues, três textos clássicos, e *Cacilda!*, escrita pelo próprio diretor, reflexão nada tranquila sobre a vida da atriz Cacilda Becker (1921-1969) e o teatro no Brasil. Por ser um texto original, e também um dos pontos altos da carreira do grupo, foi esse o título escolhido para ser aqui comentado.





Zé Celso

O cinema não é estranho à carreira de Zé Celso, co-roteirista de um longa (*Prata Palomares* – 1972, de André Faria) e co-diretor de dois (*Vinte e cinco* – 1977, com Celso Lucas, e *Orei da vela* – 1983, com Noilton Nunes), onde a sua presença se faz sentir de modo acachapante. Em suas peças, pelo menos desde 1968 em *Roda viva*, o uso de múltiplos telões de *slides* já prenunciava as câmeras posteriormente utilizadas para revelar detalhes despercebidos do palco. Para registrar o trabalho do grupo, como diretor responsável pelos DVDs, foi escolhido Tadeu Jungle, videoartista de reconhecida competência. O resultado não deixa nada a desejar. Durante dois dias em 2001, ele comandou as 13 câmeras (sete minidvs e seis beta digitais) e a parafernália sonora (16 microfones, 64 canais) necessárias para a empreitada. Com a contribuição de Dib Lutfi na direção de fotografia e mais a equipe de criação da peça (cenário e figurinos da artista plástica Laura Vinci, trilha sonora e direção musical de Marcelo Pellegrini, iluminação de Cybele Forjaz, mais o palco planejado por Lina Bardí), o resultado final não é teatro filmado. Jungle se encarregou também do que chama de câmera-carne, captando *closes* dos atores, recurso que só o cinema pode nos dar. E Dib, o grande Dib, dos *travellings* e planos gerais, que lembram seu magnífico trabalho em *Terra em transe*, *Os deuses e os mortos*, *A lira do delírio* e outros filmes.

Cacilda! começou a ser escrita em 1990, quando Zé Celso, internado num hospital com erisipela e temendo estar com Aids, achou que ia morrer. Nos seus delírios, teve uma visão da atriz e concebeu a peça, na verdade uma tetralogia. O DVD registra a primeira parte. A segunda recentemente entrou em cartaz em São Paulo, e as outras virão no seu devido tempo.

Ao primeiro olhar, nada une a atriz Cacilda Becker ao diretor Martinez Correia. Ela vinha do Teatro Brasileiro de Comédia, templo do 'teatrão'. Lá foi a maior estrela, fazendo em poucos anos um repertório escolhido a dedo. Sua interpretação era muito artificial, nada realista, a começar pela dicção. Zé Celso, jovem estudante vindo de Araraquara, admirador de Sartre, queria fazer teatro político, que buscava uma prosódia brasileira, próxima da



língua falada. Foi um desses casos onde os extremos se atraem. Ainda adolescente, ele a viu em 1956 fazendo *Gata em teto de zinco quente*, do Tennessee Williams, e ficou fascinado. É interessante como o fato de ser um expoente da vanguarda mais extremada jamais o impediu de cultuar ícones inspiradores femininos, numa devoção quase de fã. A cantora Isaurinha Garcia foi um deles. Cacilda foi outro. Como dramaturgia, a peça *Cacilda!* revela qualidades que nos fazem lamentar que o Zé tenha por décadas descuidado dessa faceta do seu talento, felizmente continuada com a adaptação de *Os sertões*. No palco, dois episódios de cerca de duas horas cada, separados por um intervalo. No DVD, dois discos com a mesma duração.

Primeiro episódio. Em 1969, no intervalo entre os atos da peça *Esperando Godot*, Cacilda Becker, a grande diva, tem um derrame cerebral, do qual virá a falecer, aos 47 anos, depois de um longo coma de 40 dias. Enquanto agoniza, rememora sua vida, e os fatos reais vão se misturar com criações de sua mente. É a mesma estrutura de *Vestido de noiva*, de Nelson Rodrigues, cuja estreia em 1943, dirigida por Ziembinsky, é considerada um marco no teatro brasileiro moderno. Mas, enquanto nesta há uma separação muito clara entre os planos do presente, do passado e da imaginação, em *Cacilda!* o presente é apenas deflagrador da trama, pouco a pouco dominada não só pelo passado e pela imaginação, mas também pelo futuro. Mas coexiste uma preocupação cronológica. Conhecemos o ambiente familiar da atriz, nascida em Pirassununga numa família muito pobre. Abandonadas pelo pai, ela, mãe e irmãs mudam para Santos, onde, ainda menina, decide tornar-se bailarina. Já na adolescência, larga a família e vai para o Rio, decidida a vencer na vida. A primeira parte termina aqui, quando Cacilda, rosto afogueado, segue os conselhos do crítico Miroel Silveira, e parte para a capital federal.

Mas nada é linear, ou não estaríamos no Oficina. Temos a biomecânica de Meyerhold, o distanciamento de Brecht, as revistas da Praça Tiradentes, e mais Living Theater, Artaud e Butô. Tudo bem deglutido, como aconselha o *Manifesto antropófago* do velho Oswald de Andrade,

avô do Tropicalismo. Há momentos de uma plasticidade assustadora. No hospital, Cacilda vai ser operada. A cena se passa num plano superior do cenário. Um repolho roxo, representando seu cérebro, é penetrado por uma furadeira elétrica. Simultaneamente, um longo plástico transparente sai da mesa de operação e é estendido sobre o palco, quase sobre os espectadores. Nele é derramado um balde de tinta vermelha. Sangue. Assim é representada a frustrada intervenção que tentou salvá-la do aneurisma mortal. Mais adiante, aos sete anos, Cacilda apresenta o balé *Borboleta negra*, de sua autoria. É outro momento de fascinante estranhamento. O que vemos é uma mulher adulta, vestida de morcego, executando uma coreografia descontínua e exótica, à beira do ridículo. Lembra (talvez sem perceber) Musidora, atriz do seriado *Les vampyres*, de Louis Feuillade, de 1913, futuramente musa da Cinemateca Francesa. Um apaixonado, o modernista Flávio de Carvalho, está presente, e as máscaras do coro são réplicas das do *Bailado do Deus morto*, espetáculo de sua autoria estreado em 1933 e proibido pela polícia no dia seguinte. Estamos em 1937, mas o personagem já usa o saíote que só vai lançar vinte anos depois. O Bezerro de Ouro da Bíblia, símbolo do pecado, associado à prática teatral por um pregador evangélico, materializa-se em mais de um momento.

Segundo episódio. De volta a 1969. Começa com a promulgação do Ato 5 pela junta militar, fechando o Congresso, dissolvendo os partidos políticos e impondo a censura prévia. Desligada da TV Bandeirantes e da Secretaria Estadual de Cultura, onde era titular, arrasada, Cacilda embarca para Nova York, onde experimenta drogas alucinógenas e conhece a vanguarda artística da nova geração. Essa segunda parte, ao contrário da primeira, não é mais cronológica, e sim surrealista. A cena do desbunde em Nova York é uma típica alegoria zéceliana, daquelas que provocam ódio eterno nos conservadores. Um coro de jovens completamente nus cerca a protagonista, vestida da cabeça aos pés. Nudez, masturbação, ejaculação, grito primal. Mais adiante, personagens do seu magnífico repertório (*Maria Stuart*, *A dama das camélias*, *Longa jornada para noite adentro*, *Gata em teto*



de zinco quente) dialogam com a Arkadina de *A gaivota*, peça de Chekhov que pretendia encenar com a direção de Zé Celso, e que, não por acaso, trata de artistas em crise. Há um diálogo com Tonia Carrero, com quem disputou a primazia no TBC e também no coração do diretor Adolfo Celi, sendo vitoriosa na primeira batalha e perdedora na segunda. Outros medalhões do teatro nacional surgem embaralhados no seu delírio, que se projeta no futuro com Cacilda hoje, 41 anos depois do seu desaparecimento, nonagenária e imortal.

Alguns dirão que essas referências não podem ser percebidas pelo espectador comum, sendo, portanto, um pedantismo inútil. Permitam-me discordar. Uma das qualidades de *Cacilda!* é exatamente poder ser apreciada em planos distintos, dependendo do nível de informação do espectador. No DVD isso fica ainda mais claro. Podemos assistir pelo modo tradicional, e as imagens e os sons comandarão o espetáculo. Podemos ver também com legendas em português, e o texto ganhará nova importância. E ainda existe a terceira possibilidade de rever tudo com os comentários do diretor, esclarecendo dúvidas e citações.



Cada episódio é comandado por uma atriz diferente, de estilos e temperamentos divergentes, e seria injusto terminar sem falar delas, já que carregam o espetáculo nas costas. Na primeira parte, Bete Coelho, apaixonada, se entrega por inteiro, transmitindo a insegurança da estreada e a crise existencial da grande diva. Não menos excelente na segunda está Leona Cavalli, cuja característica principal me parece ser uma ironia fina e implacável. As duas incorporam Cacilda Becker de um modo quase antagônico, porém complementar. Mas não estão sós, lembrando que o Oficina é um grupo. Marcelo Drummond (o pai e Walmor Chagas), Zé Celso (Flávio de Carvalho), Lygia Cortez (mãe), Mika Lins e Lara Jamra (as irmãs), Otávio Frias Filho (Miroel Silveira), Renée Gumiel (Cacilda velha) e todos os outros contribuem, e muito, para a qualidade do conjunto.



O resultado final é mais que bom, é interessante e também importante. Pois *Cacilda!* em DVD é simultaneamente teatro e cinema, ficção e documentário, vanguarda e reflexão, homenagem e revolução. Um biscoito fino para a massa, como diria Oswald. Aguardamos agora a continuação da saga.